

Ficção e biografia em “Borges”, de Julián Furks

Isis Milreu¹

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o conto “Borges”, de Julián Fuks, incluído no livro *Histórias de literatura e cegueira* (2007). Este relato converte o escritor argentino em personagem e possibilita que o leitor penetre no universo ficcional borgeano de uma maneira lúdica, mergulhando até no processo criativo de contos e poemas de Borges. Através da ficcionalização do escritor argentino, o autor possibilita que os leitores reflitam sobre a trajetória de Jorge Luis Borges, recriando histórias que estavam dispersas em biografias. Desta maneira, pensamos que há dois caminhos para lermos este conto, uma vez que o relato pode ser visto como ficção ou biografia, de acordo com o pacto de leitura que o leitor fez com a narrativa.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges; Borges personagem; Literatura brasileira contemporânea.

Resumen: Este trabajo pretende analizar El cuento “Borges”, de Julián Fuks, incluido en el libro *Historias de literatura y ceguera* (2007). Este relato convierte el escritor argentino en personaje y posibilita que el lector penetre en el universo ficcional borgeano de una manera lúdica, buceando hasta en el proceso creativo de cuentos y poemas de Borges. Al través de la

¹Professora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UAL-UFCCG); Doutoranda em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis). E-mail: imilreu@yahoo.com.br.

ficcionalización del escritor argentino, el autor posibilita que los lectores reflexionen sobre la trayectoria de Jorge Luis Borges, recreando historias que estaban dispersas en biografías. De esta manera, pensamos que hay dos caminos para leerse este cuento, una vez que el relato puede ser visto como ficción o biografía, dependiendo del pacto de lectura que el lector ha hecho con la narrativa.

Palabras-claves: Jorge Luis Borges; Borges personaje; Literatura brasileña contemporánea.

Um arqueólogo literário

Este estudo pretende analisar o conto “Borges”, de Julián Fuks, incluído no livro *Histórias de literatura e cegueira* (2007), no qual além do escritor argentino aparecem como personagens o brasileiro João Cabral de Melo Neto e o irlandês James Joyce. É preciso ressaltar que esta obra foi finalista dos prêmios Portugal Telecom e Jabuti. O seu autor, Julián Fuks, é mestre em Literatura Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP) e possui graduação em Jornalismo na mesma instituição. Também é escritor, tradutor e crítico literário. Foi repórter de literatura da Folha de São Paulo e colaborador das revistas *Entre livros* e *Cult*. Além do livro já citado, escreveu *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu* (2004), vencedor do Prêmio Nascente da USP.

Fuks é, na visão de Silviano Santiago, muito mais que um ficcionista ou crítico literário. Para ele, o autor é um “arqueólogo” e “Sua Pompéia é a literatura recoberta pelas cinzas da escrita artística no século XX. Sua ferramenta é o comentário. Sua perspicácia tem os limites traçados pela reverência religiosa aos arredores das figuras emblemáticas que ali repousam para sempre”, conforme podemos ler na orelha do livro. Desta maneira, neste trabalho refletiremos sobre como o “arqueólogo literário” escavou a ficção borgeana ao converter o seu autor em personagem.

O labirinto borgeano

O conto "Borges" é dividido em onze partes nas quais o leitor mergulha no universo ficcional borgeano ao mesmo tempo em que presencia cenas de criação de poemas e contos. Assim, por um lado, nos deparamos com diversos elementos da poética borgeana, bem como com uma vasta rede intertextual, a qual, infelizmente, é explicitada no final do livro. Por outro lado, a partir da ficcionalização de Borges, o autor nos apresenta vários episódios da vida do escritor argentino, relacionados, na maioria das vezes, com o seu processo criativo, levando-nos a refletir sobre a sua trajetória e resgatando histórias que estavam confinadas apenas a textos biográficos. Como afirma Silviano Santiago na orelha do livro, em relação ao tratamento que o autor dá para os personagens de seu livro, Fuks "Nunca as enfrenta como biógrafo. Qual saltimbanco, destaca detalhes profundos, só aparentemente sem conexão." Desta forma, buscaremos analisar os momentos que o autor ressaltou da trajetória de Borges, divididos em capítulos, a fim de compreendermos a sua conexão com a totalidade da obra.

A narrativa inicia-se com o barulho de um telefone que "assalta o silêncio, atravessa as paredes e provoca sucessivos ecos, inaudíveis." (FUKS, 2007, p.19), de acordo com a descrição do narrador. O destinatário da ligação é Jaime Alazraki, professor e crítico literário argentino, que só atende a chamada depois que "dá por terminada sua mais recente frase, de um ensaio sobre Borges para uma enciclopédia latino-americana." (FUKS, 2007, p.19). Do outro lado da linha está Maria Kodama que lhe comunica a morte de Borges. Então, Alazraki parte de Barcelona para Genebra a fim de acompanhar o velório do escritor argentino. Ao chegar diante do hotel em que o casal habitava, descobre que haviam se mudado três dias antes do fúnebre acontecimento. Diante da porta, Alazraki reconstrói o seu último encontro com Borges, um mês antes. Nesta conversa debatem vários temas, menos política. Entre os assuntos abordados destacam-se a morte e a imortalidade.

Este último encontro representa a antecipação do que ocorre no início do relato, uma vez que segundo o narrador “Era um último adeus. Mas Alazraki só o iria compreender quando batesse na mesma porta um mês depois.” (FUKS, 2007, p.23). Desta maneira, podemos relacionar o que o personagem estava fazendo antes de ouvir o telefone com a notícia que recebeu, já que a última frase sobre Borges só poderia ser escrita após esta ligação, se pensarmos que se trata de um texto enciclopédico. Então, estamos diante de um personagem que trabalha com a escrita e que escreve sobre um escritor, o que nos coloca diante de uma obra metaficcional.

Ademais da presença da metaficção, a concepção do tempo cíclico borgeano é apresentada, dentre outras maneiras, através da repetição dos atos do professor, visto que ele bate na mesma porta um mês depois e esta ação repetitiva ativa-lhe a memória. Dentro desta recordação aparece outra lembrança do crítico, pois ele rememora como havia sido o seu encontro anterior com Borges há três anos, na Universidade de Dickinson. Assim, a idéia borgeana da memória como um labirinto é ressaltada. Esta reminiscência marca a diferença entre os dois Borges para Alazraki: “Da última vez, anterior a esta última, encontrara um Borges vivaz e enérgico, vigoroso e incansável, diferente deste, mera sombra do outro, uma ruína física a entregar o tronco ao encosto da poltrona.” (FUKS, 2007, p.21). Desta maneira, além de ressaltar a diferença entre o Borges que conhecera e o que está a sua frente, penetramos no labirinto da memória do personagem, onde uma recordação remete à outra.

Este jogo de lembranças continua na segunda parte do conto, pois Borges fica sozinho após a partida do professor, já que Kodama acompanhou-o à estação, e entrega-se a reminiscências e reflexões. Entre os seus pensamentos destaca-se a sua definição de cegueira, uma vez que para ele “As pessoas concebem o cego como alguém encerrado em um mundo negro; não sabem que esta é uma das cores das quais mais sente falta. Já explicara inúmeras vezes, mas não, como

poderiam entendê-lo?" (FUKS, 2007, p.23). Desta forma o personagem demonstra conhecer a situação real dos cegos por também ter perdido a visão, além de explicitar a dificuldade que os outros possuem de compreender o seu conceito. A seguir relata que a negrura do cego está encravada no imaginário coletivo, que até Shakespeare havia se enganado sobre isso. Borges afirma que só lhe resta de consolo o amarelo apático dos tigres.

Da cegueira, sua memória leva-o para a reflexão sobre a relatividade do tempo e do espaço e pergunta-se quanto tempo teria passado desde a partida de Alazraki e Kodama. A resposta é a total relativização temporal que o ato de recordar fornece "O tempo de uma sucessão de pensamentos sobre cegueira, espaço e tempo, ou simplesmente da lembrança de palavras ditadas em uma esquecida conferência na Universidade de Belgrano, em um ano que surpreende por não ser tão remoto quanto pareceria." (FUKS, 2007, p.25). Percebemos, então que o fio condutor da narrativa é a memória, uma vez que ela não se organiza de forma cronológica e lógica. Desta forma, começamos a decifrar a estrutura labiríntica da narrativa.

Retomando o relato, o leitor imagina que Borges irá rememorar a citada conferência, mas esta expectativa é quebrada e ele passa a lembrar-se do inverno de 1968. Já estamos na terceira parte do conto em que o escritor recorda-se das bibliotecas em que trabalhou. De acordo com o narrador, Borges nunca teve grande utilidade em bibliotecas. Na Biblioteca de Carré os colegas pediam-lhe que ele não trabalhasse muito, pois iria deixá-los desempregados. Por isso, fazia o seu trabalho em uma hora e depois se dedicava à escrita. Nesta biblioteca escreveu alguns de seus contos mais conhecidos, tais como "A biblioteca de Babel", "Ruínas circulares" e "A morte e a bússola". A situação do escritor melhorou quando foi trabalhar na Biblioteca Nacional, uma vez que Borges é o diretor, "cargo de importância e bom salário." (FUKS, 2007, p. 27), segundo o narrador. Além de dispor de uma grande quantidade de livros, pode organizá-los da maneira

que desejar. Ademais desta atividade, dedica-se a dar aulas de anglo-saxão para suas alunas universitárias de literatura inglesa.

Após estas recordações sobre bibliotecas, Borges relembra quando ditou para sua mãe o poema “Junho, 1968”. Este momento é recriado no conto e em seguida encontramos a reprodução do poema, traduzido por Carlos Nejar. Assim, nos deparamos com mais um exemplo de metaficção, além de vermos a diferença entre as etapas de produção literária borgeana. Podemos dizer, então, que há dois Borges na narrativa: um que escrevia sozinho e outro que precisava de ajuda, o Borges oral. Esta divisão é demarcada também espacialmente, uma vez que o primeiro Borges está na Biblioteca de Carré e o segundo na Biblioteca Nacional.

Também precisamos refletir sobre a função do poema “Junho, 1968” no conto. Muito mais do que um simples exemplo de intertextualidade, este poema reforça e sintetiza a terceira parte do relato, uma vez que descreve a história de um homem cego que organiza os livros em uma biblioteca. Podemos pensar que quando Borges compôs esta obra ele estava fazendo um desabafo sobre sua condição de cego, já que havia perdido a visão há treze anos, mas por outro lado mostra que a cegueira não o limitava totalmente. Por meio da poesia, a sua atividade de bibliotecário é valorizada e comparada com a da crítica: “(Ordenar bibliotecas é exercer,/de modo silencioso e modesto,/ a arte da crítica.)” (FUKS, 2007, p.29).

Reforçando a idéia de que a memória não é linear, Borges passa das suas lembranças de bibliotecas para a recordação de seu gato Bepo, o qual já está morto. Ele já não está mais no apartamento da rua Maipú com sua mãe e já não é 1968. Através da recordação do gato, Borges contrasta o poder da literatura em comparação com a efemeridade da vida, pois “Bepo é apenas um resto de cadáver enterrado sorrateiro em uma senda da praça San Martín. Mais remoto que o Ganges e o poente, dele é a solidão, dele é o segredo. Em

outro tempo está. É o dono de um âmbito fechado como um sonho. E Borges ao menos tem os versos A Um Gato." (FUKS, 2007, p.30). Assim, o escritor sabe que Bepo permanece vivo em sua poesia.

A parte quatro do conto inicia-se com uma menção direta à memória: "Curiosa a memória. Feita de sonho e esquecimento. Ao todo, Borges se lembra de dez ou doze imagens de sua infância." (FUKS, 2007, p.30). Em seguida, Borges rememora episódios de quando era jovem e observa que "toda essa infância se rende a ser transmutada em arte, a ser tema de poesia." (FUKS, 2007, p.30). Após esta observação, o personagem reflete sobre a relação entre memória e esquecimento. De acordo com ele as pessoas não deveriam condenar o esquecimento, já que "O olvido é parte indissolúvel da memória, seu vago sótão, a outra cara da moeda." (FUKS, 2007, p.30). Deste ponto de vista, esquecer faz parte da memória. Estas reflexões sobre memória e esquecimento levam Borges a discorrer sobre a sua concepção de imortalidade. Para ele a imortalidade não é uma perenidade pessoal, visto que acredita que quando lê versos ou entoa um tango no assobio, por exemplo, outros vivem nele. Desta forma ressalta o papel que o leitor possui de dar vida às obras literárias que merecem ser imortalizadas.

Ao penetrarmos na parte cinco do conto, nos deparamos com uma completa alternância temporal e espacial, provocando uma ruptura na narrativa. A ação é transferida de Genebra para Atenas. Três intelectuais, o editor de uma revista literária, uma pintora e um poeta, estão refugiados em um café por causa do tempo excessivamente quente. Segundo o narrador "O calor os faz divagar, as palavras a se esfumarem no ar, mas não o bastante para que fujam do tema da próxima edição da revista." (FUKS, 2007, p.33). O editor observa que já passou o dia 24 de agosto em que Borges deveria estar morto, de acordo com o conto que ele escrevera. Surge a dúvida se o escritor ainda está vivo e concluem que sim, uma vez que se estivesse morto "os jornais teriam noticiado." (FUKS, 2007,

p.33). Encerram a conversa e o editor volta a organizar as provas da revista. A pintora ajuda-o enquanto o poeta olha por um espelho o que acontece dentro e fora do café.

Subitamente, o poeta vê no espelho Borges passar com uma mulher. Os três correm atrás do casal e perguntam se ele é Borges. Diante da resposta afirmativa, o editor não se contém e afirma que ele deveria estar morto, já que havia escrito que morreria no dia 24 de agosto de 1983. Borges lhe dá uma resposta magistral “Não fui eu que escrevi isso. Foi o outro. O Borges” (FUKS, 2007, p.34). Através do diálogo entre o editor e Borges, surge a discussão dos limites entre a ficção e a realidade. Precisamos lembrar que esta ambiguidade já havia sido criada pelo escritor argentino quando escreveu o conto “25 de agosto de 1985” em que descrevia o suicídio de Borges. Este relato causou uma grande polêmica entre os leitores, pois muitos chegaram a acreditar na veracidade desta narrativa e pensaram que ele realmente se suicidaria na data estabelecida em sua obra literária. Para acentuar o jogo ficcional, Fuks altera em seu relato a data da morte presente no referido conto borgeano e apenas o mês permanece o mesmo. Com isso, o autor explicita que estamos diante de uma recriação e deixa uma brecha para que o leitor imagine que ainda faltam dois anos para o suicídio de Borges, mantendo a verossimilhança do conto. Ademais destas questões, esta parte da narrativa retoma a concepção borgeana do duplo.

A memória continua a ser o fio condutor do relato, como podemos verificar na parte seis da narrativa. Neste capítulo, Borges recorda-se de uma intervenção cirúrgica que sofreu em seus olhos e a partir desta lembrança reflete sobre o tempo. Esta reflexão aproxima-o de seu pai e retoma a idéia do duplo já anunciada anteriormente. Para ele “Tal espera de Jorge Luis Borges por uma cirurgia ocular em 1960 é a exata mesma espera de Jorge Borges, seu pai, em 1935. Borges se sente duplo e essa é sua esperança porque ele conhece o destino de seu outro.” (FUKS, 2007, p.35). Apesar disso, o personagem descobre que o destino dos dois não é idêntico, embora haja pontos de convergência.

Neste capítulo, também é reconstruído o instante em que o personagem descobriu a força da poesia: "Quando, em 1907 e de novo em 1935, Borges escutou, da boca de seu pai, os versos melódicos de Keats, teve a súbita sensação de que aquela era uma grande experiência que o inaugurava como um ser literário. De que o fato central de sua vida seria a existência das palavras e a possibilidade de tecê-las em poesia." (FUKS, 2007, p.38). Este acontecimento representa a tomada de consciência da função que a literatura representaria, a partir deste momento, na vida de Borges.

Repentinamente, saímos da descoberta da força da literatura para testemunharmos o encontro entre Borges e o crítico literário uruguaio Emir Rodríguez Monegal na Biblioteca Nacional. Como não se vêem há muito tempo, o escritor resolve fingir que ainda enxerga, levando o amigo a percorrer os labirintos do seu local de trabalho. Ele possui a vantagem de conhecer bem o local, além de saber guiar-se na escuridão, pois havia pouca luz e "Emir procurava segui-lo e tropeçava, mais cego e incerto que o próprio Borges." (FUKS, 2007, p.39). Esse jogo leva o crítico a refletir sobre a relação entre a realidade e a ficção. Emir sente-se frustrado quando abandona esse universo labiríntico e volta para a simétrica Buenos Aires.

Continuando a percorrer os caminhos da sua memória, Borges recorda-se da biblioteca de seu pai que "Na verdade, ele nunca a deixou." (FUKS, 2007, p.40). A seguir começa a rememorar o seu contato com labirintos e conclui que "Os labirintos exteriores são fáceis, pensava após se despedir de Emir, o difícil é encarar o labirinto que cada homem, por sua conta, engendra e forja. O labirinto múltiplo de passos que sua vida tece a partir de um dia desconhecido da infância." (FUKS, 2007, p.41). Subitamente o fluxo da memória é interrompido e a solidão leva-o a escrever o seu poema "O labirinto", reproduzido na narrativa. Os momentos aparentemente soltos do capítulo se conectam através da idéia borgeana do labirinto, multiplicada nesta parte da narrativa. Ademais do labirinto da memória, encontramos o da Biblioteca Nacional, o interior e

o ficcional, além do poema citado. Podemos dizer que no encontro entre Borges e Monegal o labirinto borgeano é materializado.

Além disso, nesta parte do relato há uma comparação do estado de solidão em que Borges escrevera o poema com a espera da volta de Maria Kodama da estação, o que retoma o fio narrativo e reforça a concepção borgeana de tempo cíclico. Voltamos, no capítulo oito para Genebra e Borges continua a aguardar o retorno de Kodama. Enquanto espera, rememora o acidente que sofreu em 1938 quando bateu em uma janela e perdeu parte da visão. Este acontecimento levou-o a tentar um gênero novo para ele: o conto. Para provar que ainda conseguia produzir escreveu “Pierre Menard, autor do Quixote”. A seguir, o personagem reflete sobre o acaso que o teria levado a ser um contista. Nesta reflexão, são citados trechos do seu poema “Xadrez” em que o jogador é comparado a um prisioneiro do destino. Borges resolve que não quer ser prisioneiro, visto que isto refere-se apenas ao xadrez e a literatura, mas não a sua atitude diante da vida.

Na parte nove há um novo deslocamento espacial e Borges já não está mais em Genebra, mas em Buenos Aires, em um bonde voltando do seu trabalho da Biblioteca Nacional. Durante o trajeto para sua casa lê “O purgatório” de A divina comédia. Suas recordações levam-no a fazer uma reflexão sobre a memória e as escolhas “As coisas, que talvez existam em demasia neste mundo, limitaram-se ao que coubesse no espaço rígido da memória. Borges também escolheu seu próprio rosto.” (FUKS, 2007, p.47). Deste ponto de vista é a memória que vai determinar o que é importante ou não. Neste processo, o sujeito é bastante ativo, já que, através do exemplo de Borges que optou por uma lembrança de um de seus rostos, visto que já não enxergava mais o seu reflexo no espelho, também pode escolher o que quer recordar.

Assim, entre outras lembranças, Borges recorda-se de Paul Groussac, escritor franco-argentino que também fora diretor da Biblioteca Nacional. O personagem rememora quando era um menino tímido com medo de pedir até um livro, contentando-se em ler a enciclopédia britânica que

estava ao seu alcance. Após estas reminiscências há a descrição de como foi escrito o "Poema dos dons" em que Borges discorre sobre a ironia de ter uma biblioteca a sua disposição e ter ficado cego. Para escrevê-lo Borges recorreu a Maria Esther Vázquez. Novamente nos deparamos com um exemplo de metaficção. Em seguida, encontramos a reprodução traduzida do poema. Logo após a poesia, o narrador acrescenta que "Poucos dias depois é que Borges foi descobrir um terceiro cego diretor da Biblioteca Nacional e escritor: José Mármol." (FUKS, 2007, p.51). Assim havia encontrado o número três considerado "A cifra que desmente a fatalidade do um e desmente a coincidência do dois. Três é uma confirmação. Restava descobrir (e ainda resta) que vago fato isso tudo confirmaria." (FUKS, 2007, p.51). Mais uma vez aparece no relato a idéia da circularidade, já que, novamente, estamos diante da recriação da conferência "A cegueira", de Borges. Nesta parte do conto, há o surgimento de um Borges "da arte dos ditados. Se um acidente o construíra contista, este outro tinha de lhe trazer algo em troca. Nascia o Borges oral, o Borges das palestras, das memoráveis aulas em salas lotadas." (FUKS, 2007, p.48). Segundo o narrador, a cegueira longe de limitá-lo, fez com que Borges desenvolvesse outras habilidades.

Após este "renascimento" chegamos à parte dez do conto. Mais uma vez há um deslocamento espacial. O escritor está em Cambridge, sentado em um banco em frente ao rio Charles. Ao seu lado senta-se um outro Borges, só que jovem. Este está em Genebra, perto do Ródano. Os dois Borges conversam sobre sua vida, enquanto o Borges velho relata fatos que já viveu e que o outro vivenciará futuramente. Como o Borges jovem não demonstra interesse pela narrativa, o outro interrompe o relato, mas adverte-o de que "Você será dois. Dois além de nós dois, é claro. Um deles sou eu, o outro é aquele a quem chamam de Borges." (FUKS, 2007, p.55). Esta parte do relato é uma recriação do conto borgeano "O outro".

Depois desta retomada da idéia do duplo, discute-se, no último capítulo a oposição entre realidade e ficção, sonho e vigília e há um retorno ao início do conto, reforçando, novamente, a idéia da circularidade da

narrativa borgeana. Borges já não sabe mais onde está nem em que momento de sua trajetória se encontra. Assim, a relativização temporal e espacial é total. As ações e personagens que haviam aparecido nas demais partes do conto são retomadas e sugere-se que a narrativa não passou de um sonho do escritor. Entretanto há uma problematização deste desfecho do relato, pois “Borges é o único sonhador, que sonha todo o processo cósmico, toda a história universal, inclusive sua própria história.” (FUKS, 2007, p.57), mas, de acordo com o narrador ele “Não pode sonhar, no entanto, com os ecos inaudíveis provocados pelo som de um telefone que atravessa a tarde de Barcelona, ou com o ulterior ressoar da madeira oca que cercaria o seu corpo.” (FUKS, 2007, p.58). Assim, o conto encerra-se no mesmo ponto em que começou.

Em busca de conclusões

Por jogar com os limites entre a literatura e a história, estamos diante de um texto híbrido que pode ser lido como ficção ou biografia, de acordo com o pacto de leitura que o leitor estabeleça com a obra. No nosso ponto de vista, acreditamos que embora haja diversos elementos biográficos na narrativa, predomina a ficção na construção do conto de Fuks. Através da leitura deste relato, algumas histórias da vida de Borges são resgatadas do esquecimento e deslocadas de livros de autobiografias para o universo ficcional. Isto possibilita que o leitor penetre no universo biográfico borgeano de uma maneira lúdica. Na narrativa, Borges é dessacralizado, mostrado de uma perspectiva ampla, o que o humaniza e aproxima do leitor.

Fuks, o arqueólogo literário, no dizer de Silviano Santiago, reconstrói momentos chaves da trajetória do escritor argentino, especialmente os de sua criação ficcional após a sua cegueira, o que nos leva a considerar esta obra como uma metaficção. Desta maneira, o leitor pode refletir sobre o processo de criação literária borgeana, acompanhando Borges escrever alguns de seus contos, tais como “A biblioteca de Babel” e “Pierre Menard, autor do Quixote” ou vendo-o ditar poemas. Entretanto, precisamos deixar

claro que esta reconstrução não pode ser lida como mera reprodução da realidade, mas deve ser encarada como um exercício ficcional, ainda que esteja baseada em acontecimentos históricos. Isto fica explícito na declaração que o autor escreve depois do prólogo, ao afirmar que sua obra pode ser vista de diversos ângulos, já que "Nestas páginas, há espaço para o que se convencionou chamar de real, mas também para as especulações do provável e os limites do possível." (FUKS, 2007, p.15)

O real está presente no relato quando o autor reconstrói episódios da vida de Borges. A sua opção por manter os nomes dos referentes reais dos personagens do conto reforça a verossimilhança das histórias que recria. Apesar disso, sabemos que Borges, Jaime Alazraki, Maria Kodama, Emir Rodriguez Monegal e Maria Esther Vázquez ao serem convertidos em personagens literários não são mais seres de carne e osso e transformam-se em seres de papel e tinta. Em outras palavras, são representações de seus referentes reais. Por serem literatura, as histórias reconstruídas ou inventadas por Fuks, saem do âmbito do real e penetram no território do provável ou do possível, ou seja, do literário.

Como já dissemos, o fio condutor da narrativa é a memória que nos leva ao labirinto ficcional borgeano. Através dela o leitor tem a chance de se encontrar com vários elementos da poética borgeana, tais como o espelho, o duplo, o labirinto, a biblioteca. Ele também é convidado a refletir sobre as concepções borgeanas de tempo, espaço, história, memória, imortalidade, literatura, entre outras. Ao usar a memória como elo de conexão entre os capítulos, o autor justifica as alternâncias espaciais e temporais de seu relato, pois a memória não segue a lógica nem é cronológica, visto que se organiza de forma labiríntica. Nada melhor do que materializar na estrutura do conto o labirinto borgeano para ficcionalizar Borges. Ademais, o intenso uso da intertextualidade no relato instiga o leitor a mergulhar nos textos de Jorge Luis Borges. Desta maneira, os onze capítulos do conto se conectam por meio do divagar da memória de Borges, mostrando que são caminhos de diálogo com a obra do escritor argentino e com a própria literatura.

Assim, Fuks cumpriu o seu papel de arqueólogo literário, uma vez que, como afirma no prólogo “Histórias devem ser contadas, devem ser lidas, devem ser ouvidas. Histórias são saqueadas em sua natureza quando encerradas nas páginas de um livro que se perde em fileiras infinitas de uma biblioteca.” (FUKS, 2007, p.9).

Fuks, ao dar vida a estas histórias junta-se a outros autores contemporâneos que também ficcionalizaram Borges. Acreditamos que a escolha da figura de Jorge Luis Borges como personagem de ficção, deve-se ao fato de ele ser um dos escritores mais importantes do século XX, de acordo com inúmeros críticos literários. Basta lembrarmos que Italo Calvino (2000) classifica-o como “clássico”; Harold Bloom (2002) denomina-o “gênio”; Beatriz Sarlo (2007) alcunha-o de “Deus” e nos recorda que o seu sobrenome tornou-se um adjetivo. De acordo com Sarlo (2007), a adjetivação é o efeito máximo que pode atingir uma obra literária e borgeano, da mesma forma que joyceano, proustiano, kafkaniano, brechtiniano, sartreano e faulkneriano, é um adjetivo de originalidade. Todas estas declarações demonstram o respeito que diversos autores têm pelo escritor argentino, cuja lista de admiradores é extensa, bem como a sua importância para a literatura. Desta maneira, é perfeitamente compreensível que muitos autores tenham escolhido Borges para convertê-lo em objeto literário. Ao literaturizarem o escritor argentino, Fuks e outros ficcionistas dialogam com a obra borgeana, homenageando o seu autor e a própria literatura.

Referências

- BLOOM, H. *Gênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- BORGES, J. L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1994.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FUKS, J. *Histórias de literatura e cegueira*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SARLO, B. La escritura del dios. In: *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.